

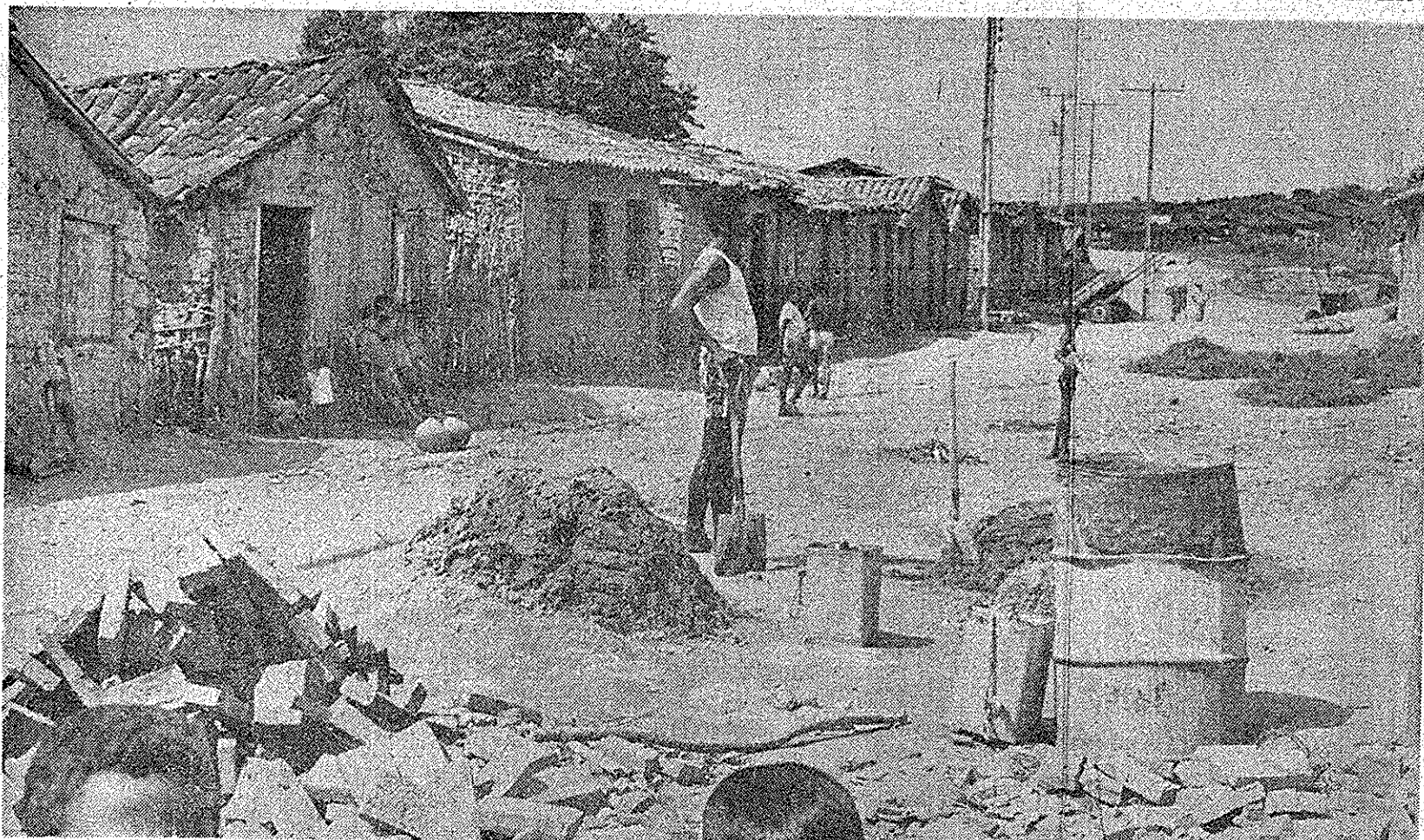
# CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Jornal do Brasil Class.: XUR00001

Data: 09/03/72 Pg.: \_\_\_\_\_

*Celestino, cacique dos índios chururus, de Palmeiras dos Índios, Alagoas, lutou muitos anos para assegurar à sua gente terra para trabalhar. A miséria de sua tribo, no entanto, é espantosa*



*Dizimados pelas doenças, pobreza e ignorância, os índios chacós, de Alagoas, perderam tudo, da terra ao idioma*



# Só a esperança anima

## os índios do Nordeste

**Recife (Sucursal)** — Uma luta de 100 anos para recuperar as terras de onde foram expulsos em 1862 e que continua até hoje, apesar das mortes e lamúrias dos seus antepassados, é a principal recordação que os índios chocós guardam da civilização. Em Porto Real do Colégio, onde vivem, em Alagoas, não perderam ainda a esperança de "voltar para a nossa terra, do outro lado do São Francisco, na aldeia de S. Pedro."

Uma história de 400 anos de integração reduziu a 14 405 os índios do Nordeste. Na luta por terras eles foram se acabando com o tempo e hoje estão espalhados em 10 aldeias da Bahia (2), Pernambuco (5), Alagoas (2) e Paraíba (1). Quase sempre acompanhados por uma rudeza desanimadora, tal como muitos dos trabalhadores da região, têm provado, porém, segundo a Funai, que não são preguiçosos e, se têm terra, plantam do bom e do melhor.

### Tradição a manter

Os costumes, o modo de educar as crianças, a aversão ao álcool e o desejo de isolamento são as causas principais de pequenos choques que ainda existem entre os índios e as populações nordestinas, suas vizinhas. Na Bahia, os tuxas aceitam muito pouco a idéia de conviver com o branco. Há pouco tempo fizeram uma cerca em plena cidade de Rodelas, onde moram, e proibiram que qualquer um ultrapassasse o limite estabelecido pelo cacique.

Em geral, todos conservam os costumes de sua tribo. Em Águas Belas, sertão pernambucano, os índios fulni-ós, que tentam há muitos anos uma boa integração, passam três meses do ano totalmente distanciados dos outros habitantes confinam-se na mata para dançar o ouricuri.

Da Bahia a Pernambuco, no entanto, guardam uma mágoa da civilização. A terra, conseguiram através de lutas e de mortes e só há bem pouco tempo com o aparecimento do Serviço de Proteção ao Índio e com a Funai tiveram uma melhoria e um certo bem-estar.

### Vida a preservar

Esta certeza de uma luta secular e que ainda hoje prossegue, fez o cacique Otávio, da tribo dos Chocós, declarar com raiva, na quarta-feira passada, quando se referia à civilização: "perdemos tudo, desde a terra ao idioma."

Perderam mesmo. Acuados e a correr pelo mato com medo das perseguições, poucos índios do Nordeste sabem hoje o verdadeiro linguajar de sua tribo. As palavras são poucas, o *piró* (soldado), é a única de que recordam as crianças chocós. Olhos amendoados, pele tostada, os verdadeiros ~~caboclos, porém não negam sua procedência indígena: o cabelo preto e estirado e os costumes ainda os identificam~~ diante dos estranhos e do cacique.

Na Bahia estão os únicos índios puros do Nordeste. Nas aldeias de Rodelas e Ribeiro do Pombal, vivem os tuxas e os aticum, ainda muito fechados e de pouca aproximação com a vida normal dos outros habitantes. No restante dos Estados, no entanto, é difícil se identificar um pancaru ou um chocó entre os operários de uma construção ou entre os trabalhadores agrícolas de Petrolândia — Pernambuco.

### Terra difícil

Com mais de 100 anos de lutas, a tribo dos Chocós, em Alagoas, é de todas a que mais sofre. Condenada a uma vida pobre e triste, numa pequena vila da cidade de Porto Real do Colégio, está reduzida a 545 pessoas, entre velhos, adultos e crianças.

Reunidos na vila, os chocós guardam ainda a lembrança das histórias de mortes e de lutas empreendidas pelos antepassados para vencer os colonizadores. Hoje, no entanto, estão totalmente integrados. As crianças têm poucos traços e características indígenas, embora magrinhas e barrigudas carregam na cabeça latas d'água do rio São Francisco, às margens da cidade, que lhes serve para os banhos e a comida.

Para visitar uma tribo é preciso, para os estranhos, uma permissão da Funai. Os chocós, no entanto, não podem proibir as misturas e, como muitos dos índios do Nordeste, eles só se distanciam nas festas do ouricuri. Ganham as matas com a tribo e ali a palavra do índio é lei, ninguém deve se aproximar. Sua vila de Porto Real do Colégio está diretamente ligada à cidade e dela faz parte como uma rua qualquer, daí que a visita a eles pode ser constante.

danças e viver com toda minha gente. Estou doente — ergue-se da cama de palha de uma casa de taipa — mas num vou deixar médico nenhum entrar aqui. Vou me curar sozinho.

## Expulsão

Os índios chocós foram expulsos da Aldeia de São Pedro — 36 mil metros quadrados de extensão — no final do século passado quando ali resolveu habitar o coronel João Fernandes, chefe político. Na época a terra lhes foi tomada pelas tropas e muitos, com medo, refugiaram-se na mata e, só mais tarde, vieram se juntar em uma vila de casinhas de taipa em Porto Real do Colégio, a 175km de Maceió.

No ano passado, funcionários da Funai descobriram que a Aldeia de São Pedro tinha sido vendida, em 1962, pela Prefeitura da cidade, ao filho do coronel Antônio Brito. Em vista disso a Funai está com um processo de desapropriação e isto é o que mantém viva, nos índios, a esperança de isolarem-se no seu mundo e se livrarem "das bebedeiras e arruaças da cidade" — disse Dona Iria Maria da Pureza, completando, desapontada: "A vida deve ser assim, cada macaco em seu galho."

## Na rota dos chururus

Na tribo dos chururus e cariris, em Palmeiras dos Índios, a história é diferente. Com apenas 423 descendentes ela vive numa área isolada de 372 hectares, conseguidos depois de 20 anos de idas e vindas, gritos e lamúrias do cacique Celestino, 70 anos, um velhinho engraçado, baixo, olhos amendoados e palavra de rei.

Os chururus e cariris cultivam desde o milho à mandioca. Têm plantações de fumo e de feijão, na terra fértil de Palmeira dos Índios, em Alagoas. Possuem mais de 10 reses para sustentar as crianças de leite.

— Mas nada disso existia se não fosse minha luta — afirmou o cacique Celestino numa tarde ensolarada, apontando para o imenso vale das Palmeiras, que ele conseguiu desapropriar para a sua tribo.

Celestino, consciente do papel dos índios — os fundadores da cidade de Palmeiras dos Índios — reuniu em um processo, depois entregue à Funai, toda a história de seus antepassados. Baseado em folheto de literatura de cordel provou que a serra da Capela Cafurna era o antigo reduto de sua tribo e "auxiliado pelo padre Alfredo Dantas Pinto — que já morreu — consegui reunir toda essa raça."

Os chucurus, a exemplo dos chocós, tinham sido expulsos de suas terras pelos colonizadores e andavam dispersos. Com a desapropriação vivem hoje numa comunidade de 75 residências, todas com luz elétrica. Os homens quando não estão no roçado, trabalham na construção da escolinha que, depois de 20 anos de espera, começou a ser construída, no ano passado.

## Desolação

No município pernambucano de Aguas Belas, no sertão, os fulni-ós, uma tribo de 3 775 índios, pelo seu próprio tamanho consegue, ainda hoje, se comunicar através do tupi-guarani. Mais fechada que as tribos alagoanas, o fulni-ó ainda sofre pela integração.

Algumas perseguições e discriminações fizeram com que o cacique Antônio Zumba decidisse este ano candidatar o índio Jason Luna a vereador. Jason já começou sua campanha e vai ser eleito só com os 180 votos de sua tribo. É o segundo fulni-ó a se candidatar. O primeiro foi o índio Roberto, que renunciou antes de assumir, e nunca explicou sua atitude.

Os fulni-ós são pobres, como a maioria dos indígenas do Nordeste. São a maior tribo regional e cultivam 12 mil hectares.

Os pancarus, residentes de Petrolândia, Pernambuco, com 2 500 índios, têm sido mais felizes na agricultura. São grandes fornecedores de pinhas ao Estado de São Paulo e trabalham em terras doadas pela Funai.

Como os outros, porém, os pancarus se queixam da dificuldade para conseguir empréstimos dos bancos oficiais, com a mesma prioridade dos outros agricultores. Isso, para o índio, é, realmente, difícil. A idéia de um ser preguiçoso e inútil não conseguiu ainda ser apagada, apesar da produção.

## Dificuldades

Comandados por pessoas que os respeitam e à sua religião mas que não entendem muito bem os seus costumes, os índios nordestinos, caso tivessem que optar, necessariamente prefeririam ter continuado separados, em sua terra. O cacique Celestino acredita que o índio é indio, e pronto. Como tal deve permanecer.

Certas coisas da cidade e a facilidade de contrair doenças são as principais dificuldades encontradas pela Funai para levá-los à presença de um médico ou dentista em visita aos postos, de mês em mês.

No dia da visita, logo pela manhã, eles desaparecem. Em Porto Real do Colégio uma assistente social teve de convencer um índio, em dois dias, a deixar seus filhos doentes irem ao médico. Ele concordou, mas não deu os remédios.

Quando chega na época do ouricuri, é a mesma coisa. Este ano um índio chocó fugiu do hospital, onde estava internado, para participar da festa. Apesar da recomendação do médico de que não se afastasse do hospital, respondeu, simplesmente "eu sou índio e vou prá minha tribo", e saiu.

## Terra pouca

Com apenas 30 hectares de terra para cultivar, os chocós vivem, em grande parte, de trabalhos de biscate, sem remuneração certa, e da venda de potes de barro, fabricados pelas mulheres. Um pote que leva três dias para ficar pronto é vendido por Cr\$ 0,10. Uma velhinha de 86 anos, Dona Iria Maria da Pureza, a mulher do cacique Otávio, filha de índios puros, faz a reclamação:

— Aqui se encontra a verdade dos índios chocós e cariris. Quem me dera o tempo de meus pais quando a gente tinha uma terra e um costume. Aqui chega gente todo dia e toda hora. Entram em minha casa sem eu mandar. Eu não gosto disso não.

Deitada em uma cama de palha Dona Iria, porém, não perde a esperança de voltar para a antiga aldeia de São Pedro, onde viveram seus antepassados. Seu marido, o cacique Otávio, tem a mesma opinião.

— Os homens daqui podem ser muito bons mas eu preferia morar na terra batida. Ter um lugar prá dançar minhas